

Uma análise das relações comerciais recentes do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai (2003-2013)

Márcio Augusto Scherma*

RESUMO

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil, em 2003, levou a um novo modelo de política externa. Buscando projeção internacional a partir da construção de uma liderança regional, o Brasil intensifica as relações político-econômicas com os países vizinhos. Levando em conta que o centro econômico do Brasil ainda encontra-se na região atlântica, esse maior contato com os países vizinhos pode ter trazidos oportunidades econômicas aos estados fronteiriços. O presente trabalho busca avaliar se houve incremento exportador, como também qualificar o comércio Mato Grosso do Sul – Paraguai na última década e analisar os motivos político-econômico-sociais que são a razão do atual cenário comercial entre os dois entes

Palavras-chave: política externa; exportações; Mato Grosso do Sul; Paraguai; comércio exterior.

INTRODUÇÃO

Desde a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil, em 2003, as relações com a América do Sul ganharam nova ênfase na política externa brasileira. Paralelamente, intensificou-se também a inserção internacional de entes subnacionais, como municípios, províncias e estados, impulsionados também pelos acordos de integração já existentes, como o Mercosul.

Os principais centros industriais brasileiros (estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente) são responsáveis não apenas por grande parte do

* Doutorando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: marcioscherma@gmail.com

abastecimento nacional como também por parte importante das exportações brasileiras – sobretudo no caso de produtos manufaturados.

Pelo fato do eixo Rio-São Paulo concentrar as empresas mais competitivas, as indústrias das demais unidades da federação brasileiras possuem, em grande parte, alcance local e/ou regional, apresentando dificuldades para competir nos grandes centros dinâmicos da economia brasileira.

Muitas dessas empresas passaram, então, a buscar oportunidades em outros países. Essa estratégia torna-se ainda mais viável àqueles estados que estão geograficamente mais próximos de outros países do que do eixo Rio-São Paulo. A existência do Mercosul, uma maior competitividade nesses locais e uma política externa favorável poderiam ser elementos que impulsionariam esse movimento para o mercado externo.

A intenção do trabalho proposto é, por conseguinte, avaliar se houve incremento exportador, como também qualificar o comércio Mato Grosso do Sul – Paraguai na última década e analisar os motivos político-econômico-sociais que são a razão do atual cenário comercial entre os dois entes. Serão investigados: a evolução do montante exportado; os principais produtos; os principais municípios exportadores e o tamanho das empresas exportadoras.

A POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO LULA

Os primeiros anos do século XXI foram marcados por alguns movimentos importantes no que diz respeito ao cenário internacional. Podemos destacar, dentre eles, o fortalecimento das chamadas "potências médias" - como China, Rússia, Índia; a forte migração de capitais para a China; insegurança energética; e concentração de poder internacional - e suas decorrentes consequências, como o arbítrio e violência por parte da potência principal. Nesse cenário, o Brasil - à espera de mudanças de rumo - elege Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência em 2002.

Embora no plano interno a gestão Lula da Silva tenha dado continuidade a alguns aspectos do governo anterior - sobretudo no tocante à política

econômica (GIAMBIAGI, 2005) - no plano externo a diferença foi bastante significativa. Como ressalta Vizontini (2013, p. 112), a posse de Lula significou a possibilidade de materialização de um projeto de política externa que já vinha sendo desenvolvido há mais de uma década¹. Em seu discurso de posse, o novo Presidente afirmou:

"Mudança": esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro (...) No meu Governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e na busca de investimentos produtivos, o relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos".²

Manteve-se, assim, o entendimento cristalizado desde o governo Juscelino Kubitschek de que as relações externas deveriam contribuir decisivamente para o desenvolvimento da economia brasileira, conforme apontaram Cervo e Bueno (2002).

Contudo, ainda que o objetivo fosse o mesmo, os métodos trariam diferenças significativas em relação às gestões anteriores. Vigevani e Cepaluni (2011) destacam que os anos em que Fernando Henrique Cardoso esteve na Presidência da República foram marcados, no que diz respeito à ação externa, por um modelo que denominaram "autonomia pela participação". Segundo os autores (2011, p. 94), imaginava-se que

"(...) participando ativamente na organização e na regulamentação das relações internacionais, a diplomacia brasileira contribuiria para o estabelecimento de um ambiente favorável ao desenvolvimento econômico (...) Nesse sentido, o governo Fernando Henrique Cardoso se caracterizou pela busca constante de normas e regimes internacionais,

¹ Os nomes escolhidos para comandar as relações exteriores indicam isso. Tanto o Ministro Celso Amorim quanto o Secretário-Geral Samuel Pinheiro Guimarães e o assessor especial Marco Aurélio Garcia vinham apresentando suas ideias e projetos ao longo dos anos em publicações e palestras.

² Resenha de Política Exterior, n. 92, 2003. Disponível em < <http://www.itamaraty.gov.br/divulg/documentacao-diplomatica/publicacoes/resenha-de-politica-exterior-do-brasil/resenhas/resenha-n92-1sem-2003> >. Último acesso em 15/05/2014.

uma busca que visava fomentar um ambiente internacional o mais institucionalizado possível".

Deste modo, o país mostrava uma postura moderada e, de certa forma, conformista e voluntarista, especialmente no que diz respeito à aceitação de regras formuladas pelas grandes potências. Nesse cenário, apesar de buscar a diversificação de parcerias econômico-políticas, a ênfase estava sobretudo no relacionamento com os países responsáveis pela formulação destas regras - notadamente, Estados Unidos e União Europeia. Além destes centros, os países vizinhos (sobretudo via Mercosul) também ocuparam papel central na gestão de Cardoso.

A política externa de Lula da Silva trouxe, portanto, um modo distinto de buscar o desenvolvimento nacional através das relações externas. Vigevani e Cepaluni (2011) nomearam esse modelo como de "autonomia pela diversificação", que, segundo os mesmos (2011, p. 136) pode ser resumido nas seguintes diretrizes:

"(...) adesão aos princípios e normas internacionais por meio de alianças Sul-Sul, incluindo alianças regionais, mediante acordos com parceiros comerciais não tradicionais (China, Ásia-Pacífico, África, Leste Europeu, Oriente Médio, etc.), na tentativa de reduzir assimetrias nas relações exteriores com as potências e, ao mesmo tempo, manter boas relações com os países em desenvolvimento, cooperando em organizações internacionais e reduzindo, assim, o poder dos países centrais".

Através dessa centralidade em relação aos países do "sul", mas sem deixar de lado as relações com os países do "norte", o Brasil buscou se projetar como potência no sistema internacional. A percepção era de que o país tinha capacidade para se projetar de forma mais forte no sistema internacional. Keohane (1969) desenvolveu o conceito de "*system-affecting states*" para designar aquelas potências médias que, ainda que não sejam capazes de afetar o sistema internacional agindo isoladamente, são capazes de impactos significativos nesse mesmo sistema ao formar grupos ou alianças em organizações regionais e/ou universais.

Essa percepção leva a estratégias de criação de parcerias e/ou de projeção enquanto potência regional. Como observou Hurrell (2009), a preponderância regional deveria representar parte importante de qualquer reivindicação do

status de grande potência. Desta forma, um país pode enxergar a região em que se insere como meio de agregar poder e fomentar uma coalizão regional para facilitar suas negociações internacionais

A partir de uma reconhecida liderança regional, o país passaria a ser visto como potência na medida em que cumpre bem o papel de administrador ou produtor da ordem regional, garantindo, por exemplo, participação no gerenciamento de crises regionais, ou também através da cooperação internacional. Essa parece ter sido a tônica de atuação do governo Lula para a América do Sul. Conforme destacou Prado (2012, p. 63)

"Durante os oito anos de mandato, a América do Sul foi prioridade máxima, não só como um fim, mas também como uma maneira de demonstrar capacidade de liderança regional e alcançar, com isso, um status mais relevante no sistema internacional, de representante da América do Sul. A atuação pragmática da chancelaria nacional em contendas envolvendo os países vizinhos (ou mesmo o próprio Brasil) caracteriza a hipótese de que o Brasil se utilizou, durante esse período, da política externa para a América do Sul como um instrumento de viabilização de poder do país no cenário internacional".

O Brasil demonstra, em discursos e em ações³, estar disposto a adotar uma postura de liderança benéfica; ou seja, dá mostra de estar disposto a incorrer em perdas relativas em curto prazo em prol do desenvolvimento dos vizinhos, que geraria benefícios futuros. Conforme destacou o então Presidente Lula,

"(...) é preciso que o Brasil cresça, se desenvolva e que os países vizinhos também cresçam e se desenvolvam, porque aí nós iremos criar um continente altamente desenvolvido com o povo tendo uma qualidade de vida extraordinária (...). A um país como o Brasil não interessa ser apenas um país grande, economicamente forte, com um monte de gente pobre do seu lado. É preciso que todos cresçam, que todos tenham condições de se desenvolver"⁴

³ Casos da Bolívia (nacionalização do gás), e do próprio Paraguai (tarifas da energia de Itaipu), dentre outros.

⁴ O GLOBO. Lula diz que integração da América do Sul depende de gesto do Brasil. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/economia/lula-diz-que-integracao-da-america-do-sul-depende-de-gesto-do-brasil-3607901> >. Último acesso em 15/05/2014.

Por conseguinte, tanto a atuação política quanto econômica junto aos vizinhos chegam ao posto de prioridade. Destacam-se sobretudo a ampliação do Mercosul - e, nele, a criação tanto do Fundo para Convergência Estrutural e Fortalecimento Institucional do Mercosul (FOCEM) quanto do Parlamento do Mercosul (Parlasul) - e a iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional da América do Sul (IIRSA)⁵.

O governo Lula buscou, portanto, alavancar e diversificar o comércio internacional do Brasil, incluindo novos parceiros e conferindo mais ênfase aos países do sul - dentre os quais os sul-americanos. Estes últimos recebiam ainda maior ênfase, dada a importância estratégica mencionada anteriormente. Desta forma, o destino das exportações brasileiras alterou-se, conforme a tabela a seguir aponta.

Tabela 1. Exportações brasileiras por países e/ou blocos econômicos selecionados (2002 e 2010). U\$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
América do Sul	7.493.669.687	12,4%	37.169.150.093	18,4%
União Europeia	15.638.101.196	25,9%	43.323.895.760	21,5%
EUA	15.377.822.589	25,4%	19.307.295.562	9,6%
África (exclusive Oriente Médio)	2.363.340.654	3,9%	9.261.599.799	4,6%
Ásia (exclusive Oriente Médio)	8.798.155.278	14,6%	56.272.595.819	27,9%
TOTAL	60.438.653.035		201.915.285.335	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Conforme pode ser observado, a participação da América do Sul como destino das exportações brasileiras sofreu incremento significativo, passando a representar em 2010 (último ano de mandato de Lula) 18,4% do total, frente a 12,4% em 2002 (último ano de governo FHC). Em valores absolutos, o incremento foi de 496%.

Logo após a Ásia, a América do Sul foi a região em que as exportações brasileiras mais aumentaram, tanto em termos absolutos quanto no percentual total. As exportações para a União Europeia (UE) apresentam crescimento expressivo, embora diminua sua parcela de participação total, ao passo que as exportações para os EUA mostram crescimento modesto e significativa perda de participação no total. Há diferenças quando analisamos as importações:

⁵ É importante ressaltar o papel destinado às empresas brasileiras nesse processo, sobretudo na IIRSA.

Tabela 2. Importações brasileiras por países e/ou blocos econômicos selecionados (2002 e 2010). U\$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
América do Sul	7.630.563.178	16,2%	25.911.924.532	14,3%
União Europeia	13.496.564.226	28,6%	39.150.977.830	21,5%
EUA	10.287.452.316	21,8%	27.044.361.398	14,9%
África (exclusive Oriente Médio)	2.675.612.821	5,7%	11.297.251.661	6,2%
Ásia (exclusive Oriente Médio)	7.995.940.685	16,9%	56.150.467.681	30,9%
TOTAL	47.242.654.199		181.768.427.438	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Enquanto a Ásia praticamente dobra sua participação no total geral de importações brasileiras, União Europeia, Estados Unidos e mesmo a América do Sul perdem espaço, apesar de incrementos substantivos em valores absolutos.

Para a América do Sul, esse cenário certamente confirma a ênfase propagada pelos *policy-makers*, e apontada pelos estudiosos, uma vez que aumentam substantivamente tanto as exportações quanto as importações. Contudo, é interessante notar que o saldo comercial, que era ligeiramente desfavorável ao Brasil em 2002, passa a ser bastante favorável em 2010. Quando analisamos as exportações por países, o cenário é o seguinte:

Tabela 3. Exportações brasileiras para os países da América do Sul (2002 e 2010). U\$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
Argentina	2.346.508.274	31,3%	18.522.520.610	49,8%
Bolívia	422.205.557	5,6%	1.162.820.493	3,1%
Chile	1.464.798.651	19,5%	4.258.362.263	11,5%
Colômbia	638.528.003	8,5%	2.196.082.529	5,9%
Equador	389.283.340	5,2%	978.681.264	2,6%
Guiana	8.754.947	0,1%	28.300.575	0,1%
Guiana Francesa	3.084.708	0,0%	5.493.693	0,0%
Paraguai	559.625.414	7,5%	2.547.907.945	6,9%
Peru	438.663.064	5,9%	2.020.560.291	5,4%
Suriname	10.701.965	0,1%	63.376.186	0,2%
Uruguai	412.541.589	5,5%	1.531.072.404	4,1%
Venezuela	798.974.175	10,7%	3.853.971.840	10,4%
TOTAL	7.493.669.687		37.169.150.093	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Já no tocante às importações, o cenário pode ser analisado na tabela 4.

Tabela 4. Importações brasileiras para os países da América do Sul (2002 e 2010). U\$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
Argentina	4.743.785.116	62,2%	14.434.593.883	55,7%
Bolívia	395.829.631	5,2%	2.233.080.299	8,6%
Chile	648.733.881	8,5%	4.181.964.042	16,1%
Colômbia	108.499.896	1,4%	1.079.110.914	4,2%
Equador	14.906.908	0,2%	56.885.016	0,2%
Guiana	25.641	0,0%	66.515	0,0%
Guiana Francesa	1.598	0,0%	61.795	0,0%
Paraguai	383.087.752	5,0%	611.400.544	2,4%
Peru	217.782.733	2,9%	907.720.951	3,5%
Suriname	2.621	0,0%	216.710	0,0%
Uruguai	484.847.356	6,4%	1.574.156.731	6,1%
Venezuela	633.060.045	8,3%	832.667.132	3,2%
TOTAL	7.630.563.178		25.911.924.532	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Assim, de um saldo de cerca de U\$ 137 milhões, a região passa a ter um déficit de cerca de U\$ 11 bilhões. Entretanto, apenas Argentina e Bolívia apresentaram mudanças de "status": enquanto o primeiro passa de superavitário a deficitário, o segundo faz o movimento inverso.

Em suma, a política externa de Lula mostrou alterações significativas em relação à gestão anterior. A ênfase na projeção internacional do Brasil de modo mais assertivo passou pela busca da construção de liderança regional na América do Sul. Incentivando a integração física (com apoio das empresas brasileiras, claro) e buscando ampliar as relações comerciais, o Brasil conferiu certamente uma ênfase inédita na região.

Entretanto, apesar de discursos de "liderança benéfica" e de episódios em que sofreu perdas relativas, o Brasil, no campo comercial, acabou por ampliar seus interesses. Gerou, então, déficits comerciais dos demais países sul-americanos para consigo. Além disso, em muitos casos a atuação de empresas brasileiras gerou críticas na região, de forma que o processo não foi harmônico.

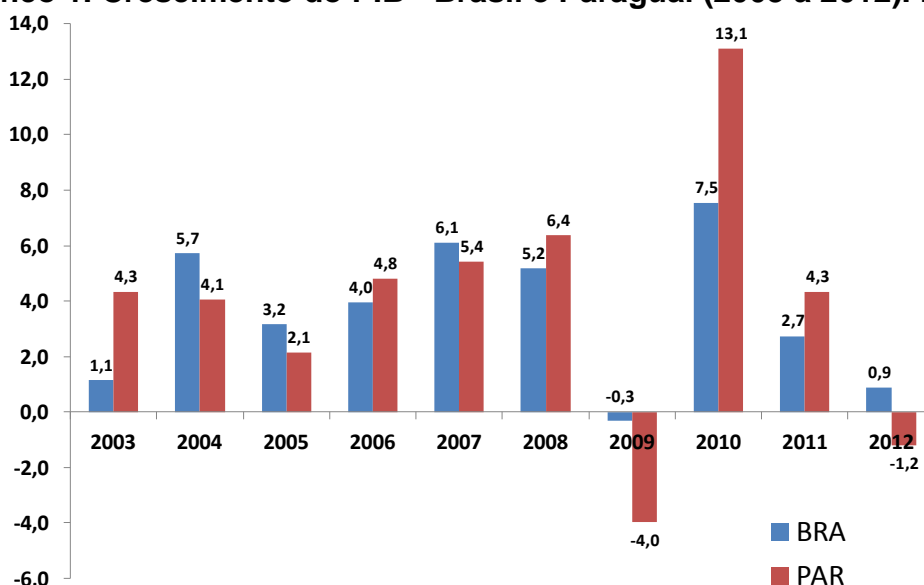
A próxima seção busca apresentar o caso específico do Paraguai e sua importância enquanto parceiro comercial para o Brasil. Mais adiante, a análise centrar-se-á na relação do Paraguai com o estado de Mato Grosso do Sul.

O PARAGUAI E AS OPORTUNIDADES ECONÔMICAS

O Paraguai localiza-se no centro da América do Sul, tendo divisas com Brasil, Argentina e Bolívia e possui população de cerca de 6,7 milhões de habitantes⁶. A capital, Assunção, concentra mais de 10% do total da população. Contudo, outras cidades importantes são Ciudad del Este, Encarnación, Pedro Juan Caballero, Salto del Guairá, Concepción e Coronel Oviedo. O fato de estarem localizadas em regiões de fronteira com cidades de Brasil e Argentina confere a elas um movimento significativo de intercâmbio não apenas econômico, mas também social e cultural.

O crescimento da economia paraguaia foi constante entre 2003 e 2008. Teve uma queda significativa em 2009 - em boa medida devido à crise mundial - e retomou vigorosamente o crescimento em 2010. Na comparação com as taxas de crescimento da economia brasileira, em cinco dos dez anos compreendidos entre 2003 e 2012, o Paraguai cresceu a taxas mais elevadas.

Gráfico 1. Crescimento do PIB - Brasil e Paraguai (2003 a 2012). Em %.

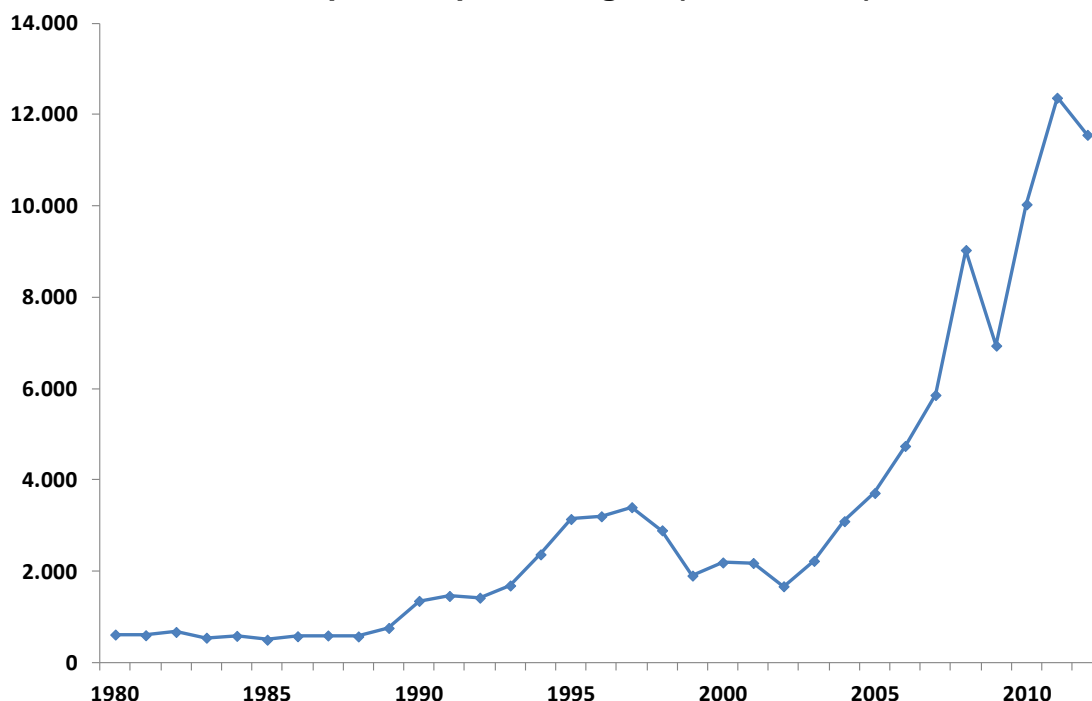


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Banco Mundial.

O país tem aumentado significativamente suas importações ao longo do tempo, sobretudo a partir de 2002, quando há um movimento que termina por multiplicar por dez o valor importado (de U\$ 1,6 bi em 2002 para U\$ 11,5 bi em 2012), conforme pode ser visto no gráfico 2 a seguir.

⁶ Dados da Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos - projeção para o ano de 2012. Disponível em < http://www.dgeec.gov.py/sub_index/Pobreza/index.php>. Último acesso em 16/05/2014.

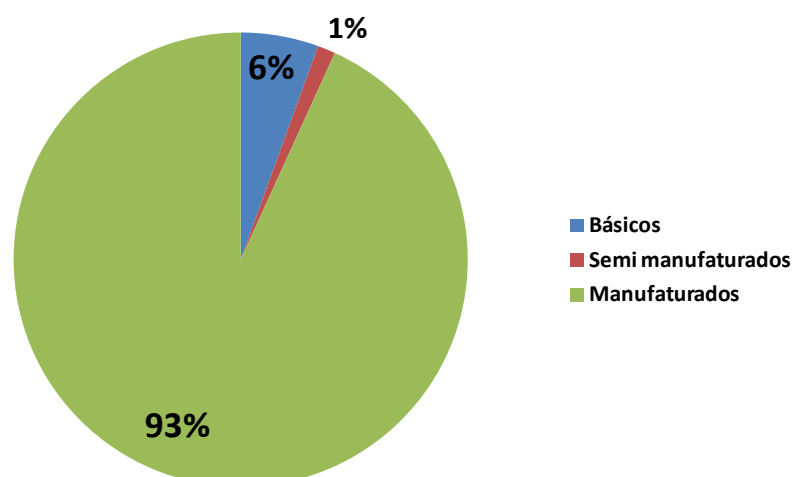
Gráfico 2. Volume importado pelo Paraguai (1980 a 2012), em U\$ milhões.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da OMC, International Trade.

Na pauta de importações paraguaia estão sobretudo os produtos industrializados, já que o país tem poucas indústrias nacionais. Esse é o cenário sobretudo no que diz respeito às importações feitas junto ao Brasil. Segundo dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) do Brasil, os produtos manufaturados corresponderam a mais de 90% das exportações brasileiras ao Paraguai em 2013, conforme observa-se no gráfico 3.

Pode-se constatar, portanto, que o Paraguai é uma economia em expansão. Além disso, as condições históricas de seu desenvolvimento implicaram ao país a necessidade de importação de produtos manufaturados (tanto bens de consumo duráveis quanto não-duráveis). O Brasil, pela localização geográfica privilegiada e pelo maior desenvolvimento industrial relativo, é um parceiro quase natural da economia paraguaia.

Gráfico 3. Importações do Paraguai junto ao Brasil (2013), em %

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do MDIC.

Empossado em 2013, o atual Presidente Horácio Cartes é conhecido pela sua trajetória empresarial. Presidente do Grupo Cartes - um conglomerado de empresas de bebidas, cigarros e charutos, roupas e carnes, além de administrar centros médicos, Cartes é um dos homens mais ricos do Paraguai.⁷ Sua visão empresarial parece ter influenciado na indicação dos gestores públicos de sua administração: em grande parte personalidades atuantes no setor privado e de perfil técnico.

Esse novo corpo gestor dá sinais de que pretende melhorar o ambiente infra-estrutural paraguaio - através de parcerias com o setor privado - como forma de impulsionar a economia e atrair mais investimentos.⁸

Feita esta breve explanação, buscar-se-á agora caracterizar as principais dinâmicas da economia sul-mato-grossense e relacioná-las com a inserção do estado no comércio internacional. A seguir, analisar-se-á as relações comerciais entre o Mato Grosso do Sul e o Paraguai.

⁷ BBC. Conheça Horácio Cartes, milionário eleito novo presidente do paraguai. Disponível em < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130421_horacio_cartes_paraguai_perfil_jp.shtml> . Último acesso em 16/05/2014.

⁸ PORTAL DA INDÚSTRIA. Paraguai espera atrair investimentos de US\$ 7,5 bilhões para infraestrutura. Disponível em: < <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/imprensa/2014/02/1,32954/paraguai-espera-atrair-investimentos-de-us-7-5-bilhoes-para-infraestrutura.html>>. Último acesso em 16/05/2014.

O MATO GROSSO DO SUL

O estado do Mato Grosso do Sul (MS) é fruto do desmembramento do antigo estado de Mato Grosso, em 1979. É o sexto maior estado brasileiro em área (cerca de 357.000 km²), mas apenas o 21º em população, com cerca de 2,5 milhões de habitantes⁹. Faz divisa com cinco estados brasileiros (Goiás, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais, e São Paulo) e dois países (Bolívia e Paraguai).

Tal qual a economia brasileira como um todo, a economia do Mato Grosso (e, depois, do Mato Grosso do Sul) organizou sua economia exportadora a partir das influências recebidas do centro econômico mundial. Nesse sentido, Lamoso (2011b, p. 134) assinalou que

"O papel de Mato Grosso do Sul como uma "extensão" da economia paulista, conforme foi apontado em trabalho de Goldestein e Seabra (1989) vem se confirmando no Mato Grosso do Sul desde seu processo de ocupação e povoamento, com a produção de arroz, café e gado, para o abate nos frigoríficos do interior paulista. A partir dos anos sessenta houve a expansão do cultivo da soja, enquanto a carne bovina continuou destinada ao mercado interno. O crescimento da produção de grãos (soja e milho), o tamanho médio das propriedades, os custos de produção e sua escala possibilitaram a expansão da agroindústria de aves e suínos, que se localiza preferencialmente na porção meridional do estado. Entre os dez produtos mais exportados também constam os minerais metálicos (minério de ferro granulado e manganês) extraídos da Morraria do Urucum, na planície do Pantanal."

Marcada, portanto, por produtos básicos, a pauta de exportações de Mato Grosso do Sul é bastante similar à nacional. Senão, vejamos: dos doze itens mais exportados pelo Brasil, sete também estão na lista daqueles exportados pelo Mato Grosso do Sul¹⁰. Lamoso (2011b, p. 41) assinalou a esse respeito que "A base exportadora do Mato Grosso do Sul revela o papel que foi destinado ao agronegócio para conter o déficit que se abriu na balança comercial com as políticas neoliberais dos anos 90".

⁹ Informações disponibilizadas pelo IBGE.

¹⁰ São eles: soja, pasta química de madeira, carne bovina, açúcar de cana, milho em grão, minério de ferro e miúdos de aves.

Ora, se a pauta de exportações do MS é composta essencialmente por produtos básicos e a pauta de importações paraguaias composta essencialmente de manufaturados, é de se esperar que as relações comerciais entre ambos não sejam tão acentuadas. De fato, pode-se observar que em 2013, o Paraguai foi apenas o 32º maior receptor das exportações sul-mato-grossenses, conforme mostra a tabela 5.

Tabela 5. Principais países de destino das exportações do MS (2013)

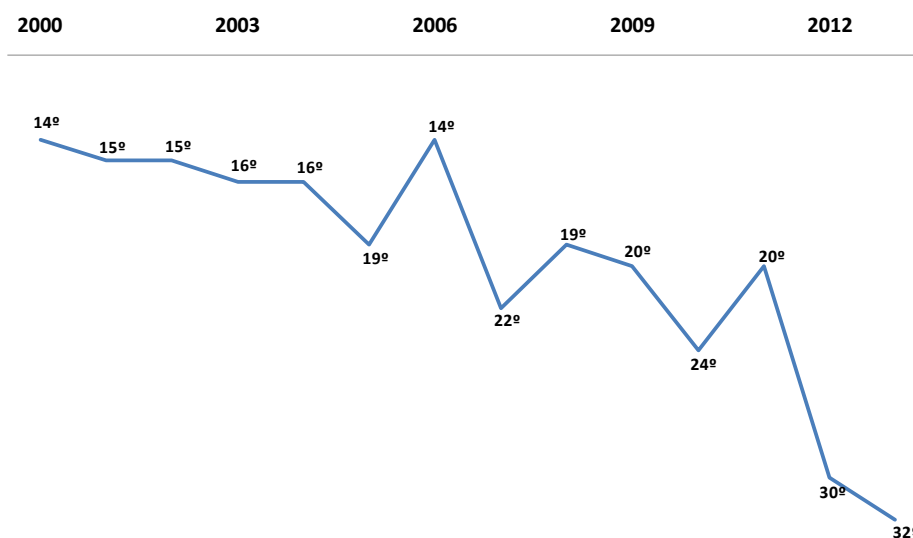
Posição	País	Posição	País
1	China	17	Malásia
2	Argentina	18	Taiwan
3	Holanda	19	Emirados Árabes
4	Rússia	20	Indonésia
5	Itália	21	Vietnã
6	Hong Kong	22	Canadá
7	Japão	23	França
8	Coreia do Sul	24	Bolívia
9	Irã	25	Reino Unido
10	Egito	26	Espanha
11	Arábia Saudita	27	Índia
12	Argélia	28	Geórgia
13	Venezuela	29	Marrocos
14	Chile	30	Bangladesh
15	Estados Unidos	31	Israel
16	Tailândia	32	Paraguai

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Ao analisarmos essa mesma posição ao longo dos últimos anos, é possível constatar que essa posição é fruto de um movimento descendente; ou seja, o Paraguai tem ocupado um espaço proporcionalmente cada vez menor como destino das exportações do Mato Grosso do Sul, corroborando a hipótese levantada anteriormente sobre a não complementaridade das pautas.

Portanto, observa-se que, quanto mais avança o modelo baseado na exportação de commodities, é proporcionalmente menor o papel do Paraguai como comprador de produtos sul-mato-grossenses, conforme pode ser observado no gráfico 4.

Gráfico 4. Posição do Paraguai entre os principais destinos das exportações do MS (2000-2013)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Quando comparado o papel do Paraguai como destino das exportações brasileiras como um todo com o papel do Paraguai nas exportações do MS, pode-se imaginar, inicialmente, que este último seria mais acentuado, dada a proximidade geográfica. Apesar disso se confirmar até o ano de 2009, daquele momento em diante constata-se justamente o oposto, conforme a tabela 6.

Tabela 6. Comparação da posição do Paraguai entre os principais destinos das exportações do MS e Brasil (2000-2013)

Ano	MS	BR
2000	14º	14º
2001	15º	17º
2002	15º	22º
2003	16º	20º
2004	16º	22º
2005	19º	25º
2006	14º	27º
2007	22º	23º
2008	19º	19º
2009	20º	24º
2010	24º	20º
2011	20º	20º
2012	30º	23º
2013	32º	19º

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Ao analisarmos a evolução da composição da pauta de exportações do MS ao Paraguai, notamos que nos dois momentos observados (2003 e 2013), dos dez principais produtos exportados, a maior parte pode ser classificada como produtos básicos, conforme aponta a tabela 7.

Tabela 7. Principais produtos exportados:MS/Paraguai (2003 e 2013)

2003	2013
Cimentos "portland", comuns	Milho para semeadura
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados
Água incl.mineral/gaseif.adicion.açúcar, aromatizada	Outras sementes forrageiras, para semeadura
Outras preparações para alimentação de animais	Outs.refrigeradores, vitrinas, balcoes, etc
Outras sementes forrageiras, para semeadura	Outros produtos de origem animal, impróprios para alime
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose	Óleos lubrificantes com aditivos
Crinas e seus desperdícios, mesmo em mantas	Alimentos compostos completos, para animais
Outros bovinos para reprodução	Outros bovinos reprodutores de raça pura
Indutos utilizados em pintura	Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose
Outros minérios de manganês	Outras preparações para alimentação de animais

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Fazendo a mesma análise para o total de exportações brasileiras, o cenário é bastante distinto. Ainda que haja uma variação considerável nos principais produtos exportados, eles continuam sendo majoritariamente classificados como bens semi manufaturados ou manufaturados, como consta na tabela 8.

Tabela 8. Principais produtos exportados: Brasil/Paraguai (2003 e 2013)

2003	2013
Aubos ou fertilizantes c/nitrogenio, fosforo e potassio	Aubos ou fertilizantes c/nitrogenio, fosforo e potassio
Aubos ou fertilizantes c/fosforo e potassio	"gasoleo" (oleo diesel)
Outras maquinas e aparelhos p/colheita	Ceifeiras-debulhadoras
Outros tratores	Outros tratores
Outros pneus novos para onibus ou caminhões	Fumo
Pneus novos para automoveis de passageiros	Cervejas de malte
Semeadores-adubadores	Outs.aparelhos p/pulverizar fungicidas etc.
Outs.aparelhos p/pulverizar fungicidas etc.	Outros ladrilhos, de ceramica, vidrados
Caixas e cartonagens, dobraveis, de papel/cartao	Semeadores-adubadores
Outros veiculos automoveis c/motor diesel, p/carga	Oleos lubrificantes com aditivos

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Constata-se, portanto, que apesar da proximidade geográfica entre o Mato Grosso do Sul e o Paraguai e dos incentivos à exportação e priorização da América do Sul pela política externa brasileira, o Paraguai não é um destino tão relevante para as exportações do estado. A própria economia sul-mato-grossense, baseada essencialmente na agropecuária é um entrave - uma vez

que o Paraguai tem produzido parcela importante desses gêneros em seu próprio território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o texto mostrou, a política externa de Lula da Silva foi marcada por um incremento nas relações com a América Latina, em grande medida como parte de um projeto de projeção internacional do Brasil. Do ponto de vista econômico, o crescimento tanto das exportações quanto das importações foi notável, aumentando a importância da região para o comércio internacional brasileiro.

Importante destacar, ainda, que nesse processo houve uma tendência de crescimento do déficit da maioria das economias vizinhas junto ao Brasil, o que demonstra o poder econômico brasileiro frente aos parceiros regionais. Constantemente acusado de imperialista, essa situação pode vir a trazer problemas para a imagem e liderança que o país almeja construir.

O Paraguai, um de seus vizinhos, tem uma importância regional bastante destacada. Com fronteira bastante viva com os estados brasileiros do Paraná e Mato Grosso do Sul e uma economia que vem crescendo a uma média próxima de 4% ao ano. Além disso, o novo Presidente - Horácio Cartes - é um empresário que tem declarado a intenção de fomentar o setor privado paraguaio, bem como continuar atraindo investimentos externos.

Esse cenário parece indicar boas possibilidades de incremento do comércio paraguaio com o Mato Grosso do Sul. De fato, quando observamos em termos de volume, as exportações do MS para o Paraguai tiveram um crescimento de quase 293%. Entretanto, essa taxa é significativamente menor do que o crescimento das exportações brasileiras para o vizinho (em torno de 423%). Estes dados parecem indicar um contrassenso: ora, como as exportações de um estado vizinho (com todas as facilidades logísticas, portanto) terem crescido em proporção menor àquelas feitas pelo país em geral?

Parte da explicação para esse aparente contrassenso está na composição da pauta importadora paraguaia e exportadora sul-mato-grossense: enquanto a primeira está focada nos produtos manufaturados, a segunda concentra-se nos produtos básicos. Desse modo, apesar da proximidade geográfica, a complementaridade das economias não parece ser tão significativa. Ressalta-se, ainda, que alguns dos principais produtos primários produzidos no MS também são produzidos em larga escala no país vizinho (caso da soja, por exemplo).

Por outro lado, uma outra parte da explicação pode residir na instalação de filiais de empresas do estado no Paraguai, atraídos pelos custos de produção relativamente mais baixos, energia abundante, proximidade idiomática, isenção de impostos, bem como pelas facilidades logísticas¹¹. É possível, portanto, que parcela importante do que seriam as exportações do Mato Grosso do Sul para o Paraguai tenham se convertido em investimento estrangeiro direto naquele país.

Dessa maneira, longe de esgotar o assunto, o presente trabalho buscou apontar alguns elementos indicativos das relações econômicas entre o Mato Grosso do Sul e o Paraguai. Para compreender melhor as relações econômicas entre ambos, é necessário investigar outros aspectos, como os investimentos diretos, indicado anteriormente. Assim, as informações ora apresentadas são apenas um primeiro passo na direção do estudo dessas crescentes relações, buscando encontrar novas possibilidades e soluções para os possíveis gargalos que porventura impeçam o avanço ainda maior dessa integração econômica.

¹¹ Importante citar ainda a chamada Lei de Maquila, de 2000. Referida lei é voltada especialmente para empresas estrangeiras cujo objetivo é, especificamente, a exportação. Através de inúmeros incentivos fiscais, as empresas instalam-se no Paraguai e podem importar as matérias-primas, maquinários e insumos necessários para fabricação de produtos que são, então, reexportados. Apesar de a lei datar de 2000, foi com a ascensão de Horácio Cartes que o movimento de atração de investimentos estrangeiros vem ganhando força - sobretudo junto ao Brasil.

BIBLIOGRAFIA

CERVO, Amado L.; BUENO, Clodoaldo (2002). **História da Política Exterior do Brasil**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

GIAMBIAGI, Fabio (2005). Rompendo com a ruptura: o governo Lula (2003-2004). In: GIAMBIAGI, F. ; VILLELA, A. (orgs). **Economia Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. Elsevier.

HURREL (2009) **Os BRICS e a ordem global**. Rio de Janeiro, FGV.

KEOHANE, Robert (1969). Lilliputians' Dilemmas: Small States in International Politics. In: **International Organization**, vol. 23, n. 2.

LAMOSO, Lisandra (2011a). Dinâmicas produtivas da economia de exportação no Mato Grosso do Sul - Brasil. In: **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 21, p.33-47

_____ (2011b). Comércio exterior e estruturas produtivas no Mato Grosso do Sul. In: **Revista Geosul**, v.26, n.51.

LEITE, Patrícia (2011). **O Brasil e a Cooperação Sul-sul em três momentos da política externa: os governos Jânio Quadros/João Goulart, Ernesto Geisel e Luiz Inácio Lula da Silva**. Brasília, Ed. Funag

PECEQUILO, Cristina Soreanu (2008). A Política Externa do Brasil no Século XXI: Os Eixos Combinados de Cooperação Horizontal e Vertical In: **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 51, nº2.

PRADO, Lídia (2012). **Soy loco por ti, América: a integração regional como prioridade da política externa brasileira na era Lula (2003-2010)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.

SARAIVA, Miriam Gomes (2007). As estratégias de cooperação Sul-Sul nos marcos da política externa brasileira de 1993 a 2007 In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50, nº2.

VIGEVANI, T; CEPALUNI, G. (2011). **A política externa brasileira: a busca da autonomia, de Sarney a Lula**. Ed. Unesp, São Paulo.

VIZENTINI, Paulo F (2013). **A projeção internacional do Brasil (1930-2012)**. Ed. Campus/Elsevier, Rio de Janeiro.

Sites consultados para pesquisa estatística:

BANCO MUNDIAL <data.worldbank.org>

IBGE <www.ibge.gov.br>

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
EXTERIOR <www.mdic.gov.br>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO <www.wto.org>